

---

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

---

### “DEBAIXO DA PONTE PRETA”: VIOLÊNCIA E PRECONCEITO

Antonio Rediver Guizzo (UNIOESTE)  
antonioguizzo@bol.com.br

RESUMO: Este trabalho foi elaborado com o objetivo de analisar o conto “Debaixo da Ponte Preta” de Dalton Trevisan. Nesta narrativa, conta-se a história de Ritinha – adolescente, negra e pobre que é violentada por vários homens quando ia visitar sua irmã. Neste conto, a violência contra a mulher, o preconceito e a pobreza são os principais temas, abordados dentro da visão sarcástica e contundente característica da prosa daltoniana.

PALAVRAS-CHAVE: Dalton Trevisan, conto, violência, preconceito.

Após flagrar a esposa, que tanto amava e com quem fora feliz, traindo-o com o mais vil dos servos, o honrado rei Shariar manda executá-la. Gravemente desiludido com o amor, Shariar decide que, todas as noites, desposaria uma mulher e, antes de clarear o dia, mandaria que a executassem, precavendo-se, desta forma, do infortúnio da infidelidade. Após três anos, já não havendo mais virgens no reino, o Vizir – incumbido da tarefa de encontrar as esposas para o rei – começa a temer a sua ira. Foi quando Sheherazade, a filha mais nova do Vizir, pede-lhe que a leve como noiva, pois sabe de uma maneira de escapar ao triste fim que era reservado a todas. Contrariado, o Vizir aceita e faz-lhe a vontade. Após ser possuída pelo rei, Sheherazade começou a contar uma extraordinária história e, antes de romper a manhã, parou sua narrativa. Curioso, o rei mandou que adiassem a execução para o dia seguinte, dando tempo para ela concluir a história. Assim acontecendo todos os dias sucessivamente, ao término de mil e uma noites, Sheherazade termina sua história. O rei, contemplando a esposa e os três filhos que com ela tivera neste tempo, constata que a amargura desaparecera de seu coração e que não poderia matá-la, pois não conseguiria mais viver sem Sheherazade. Shariar esposou a princesa pela segunda vez e os dois viveram felizes até o fim de seus dias.

Este breve resumo de *As mil e uma noites*, clássica história da literatura persa, representa exemplarmente o poder mágico que as narrativas exercem sobre os homens.

Alegrar, chocar, enternecer, escandalizar, divertir, comover, apaixonar, aterrorizar, ensinar são alguns dos sentimentos que as histórias movem no espírito humano. As narrativas criam deuses e demônios, heróis e vilões, encontros e desencontros, enaltecem virtudes, desvelam vícios, possibilitam ou impedem amores; são reflexos das paixões e pulsões humanas decodificadas no encadeamento de fatos, no relacionamento das personagens, como também expurgam, purificam e fornecem “às almas a ocasião de se desembaraçarem de um excesso de inatividade, que não se deve conservar na vida ativa” (Aristóteles 2004: 17), proporcionando a experiência da *catharsis*.

Ao que parece, é por este poder mágico que as narrativas perpetuam-se no tempo. Deste modo, por embrenhar-se nos dilemas mais antigos e universais do homem, guardam sempre um tom de atualidade, independente da época de sua criação e/ou reprodução. Então, pode-se registrar que as narrativas encerram em si o que há de implícito e explícito na dimensão do ser.

Neste ensaio, ao adentrar no universo narrativo de Dalton Trevisan, objetiva-se perscrutar um desses temas universais que incidem sobre a capacidade humana de contar histórias: a violência, investigando-o em “Debaixo da Ponte Preta”, de *O vampiro de Curitiba* (1998)<sup>1</sup>.

A violência – seja física, psicológica ou social – apresenta-se recorrente nas produções culturais de nosso tempo, não apenas como um aspecto constitutivo da trama, mas, por vezes, ritualizada nos massacres consumidos antes de dormir – produzidos pela indústria cultural de massa –, ou banalizada, destacada até a exaustão tanto em narrativas ficcionais como na descrição jornalística da “realidade”. Desta forma, a opção por esta temática visa refletir como o cotidiano permeia-se da violência na esfera contemporânea e, por vezes, adquire um gosto mórbido pela matéria. No pensar de Antonio Candido:

Guerrilha, criminalidade solta, superpopulação, migração para as cidades, quebra do ritmo estabelecido de vida, marginalidade econômica e social – tudo abala a consciência do escritor e cria novas necessidades no leitor, em ritmo acelerado. Um teste interessante é a evolução da censura, que em vinte anos foi obrigada a se abrir cada vez mais à descrição crua da vida sexual, ao palavrão, à crueldade, à obscenidade. (1989: 212)

E esta literatura não apenas retrata a violência social, mas, também, é uma violência ao leitor. Além de expurgar catarticamente sentimentos tão arraigados modernamente, procura chocar pela crueza dos relatos, quando não pela auto-descoberta da apreciação mórbida do sofrimento alheio, desvendando em seu leitor o ignominioso, as vilezas do caráter, a incapacidade de empatia, a languidez, enfim, tudo aquilo que é constantemente expurgado na concepção maniqueísta do ser.

No conto “Debaixo da Ponte Preta”, narra-se a história de Ritinha da Luz, dezesseis anos, negra, empregada doméstica. Após sair do emprego, decide ir à casa da

<sup>1</sup> NOTA BENE: todas as citações do conto foram feitas a partir dessa edição.

irmã Julieta, localizada atrás da Ponte Preta – viaduto com estrutura metálica importada dos Estados Unidos e pintada de preto, que servia à linha de trem que partia da estação ferroviária. No caminho, é abordada por três soldados que a levam à força para um matagal adjacente à linha férrea e, lá, é espancada e violentada pelas três autoridades e por mais três ou quatro indivíduos que se uniram à ação delituosa. Ritinha é encontrada pelo guarda-civil Leocádio, que a conduz à delegacia.

O conto “Debaixo da Ponte Preta”, de Dalton Trevisan, é uma narrativa impactante, visceral, retrato cruel da violência urbana, que pela concisão discursiva poderia ser encontrado tanto em páginas de um livro ou no caderno policial de um jornal qualquer sem causar qualquer estranheza. Por meio de um estilo de escrita próximo ao de inquérito policial, a narrativa apresenta a versão de todos os participantes da ação, composta por recorrente jogo polifônico (Bakhtin 2003: 199):

Nelsinho de Tal, menor, treze anos, estudante, na noite de vinte e três, conversando debaixo da Ponte Preta com seu primo Sílvio e dois rapazes, deparou três soldados e um paisano atacando uma negrinha, a qual foi atirada ao chão, em seguida desfrutada pelo civil e, por causa dos gritos, tinha um casaco na cabeça. Ele chegou-se meio desconfiado. Depois do paisano, a vez dos três soldados e, afinal, a de Nelsinho, seguido de Antônio. (77)

O acontecimento central do conto – a violência sofrida por Ritinha da Luz – é relatado por diversos personagens e colocado no papel por um narrador que tem uma função semelhante ao trabalho de um escrivão de polícia – não lhe cabe nada concluir, deve apenas apresentar as diversas versões sobre o mesmo acontecimento, de maneira sucinta. Na passagem acima, por exemplo, por um recurso retórico consciente e criativo, semelhante a um discurso indireto livre, a voz de Nelsinho mescla-se à voz do narrador no relato do fato, pois se depreende do fragmento, superposta à descrição do narrador, a tentativa da personagem de eximir-se da culpa pelo ato praticado. E é esta técnica de compor o conto que permitirá desvelar os meandros da violência praticada contra Ritinha, não apenas a violência física, mas as relações sociais e os preconceitos que nela se envolvem, além de evidenciar a inventividade e modernidade do método narrativo de Dalton Trevisan:

O que houve na sua “história” [do conto] foi uma mudança de técnica, não uma mudança de estrutura: o conto permanece, pois, com a mesma estrutura do conto antigo; o que muda é a sua técnica. [...] Segundo o modo tradicional, a ação e o conflito passam pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final. Segundo o modo moderno de narrar, a narrativa desmonta este esquema e fragmenta-se numa estrutura invertebrada. (Gotlib 2006: 29)

Ou seja, o jogo polifônico e a superposição de vozes na narrativa daltoniana, desconstituem a linearidade clássica do gênero conto – introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho – , nesta “estrutura invertebrada” conta-se a estória, na qual os diversos personagens têm voz na narrativa: a vítima Ritinha, os agressores Miguel,

Nelsinho, Alfredo, Durval, Pereira e Sílvio, a testemunha José, o guarda-civil Leocádio, e o narrador; este se, por vezes, parece apenas transcrever os relatos, em outras parece, também, contar a história, desdobrando-se, assim, em dois: o que transcreve os testemunhos e, de certa forma, participa da história e um narrador que não participa da história, mas que, aparentemente, sabe elementos anteriores que os agressores desconhecem e que Ritinha não confessaria:

A casa é de madeira pintada de amarelo. A patroa uma senhora gorda, baixa, morena. Ritinha limpa a casa, lava a roupa, faz todo o serviço. O marido da patroa chama-se Artur. Ela cuida da filhinha do casal. *Quando a criança chora, suspende-a de cabeça para baixo, a pestinha perde o fôlego, bem quieta.* A patroa deu-lhe um sapato velho e vendeu-lhe dois vestidos, que descontou do ordenado. (80. Grifo nosso)

Delimitar a participação exata da voz de cada participante da narrativa não é possível, pois um e outro se entrecruzam em concordâncias e divergências durante todo o conto. Porém, neste enlace de vozes, destacam-se preconceitos, ideologias, valores morais e desigualdades que, conflitantes ou em uníssono, na narrativa daltoniana, denunciam a “hipocrisia patética que se aninha nas relações entre os seres humanos em luta pela vida” (Fortes & Zanchet 2007: 188). Ainda, revelam neste conto em particular sinuosidades da violência que, muito antes do ato em si, calcam-se num imaginário execrável sobre a mulher que, ainda, mantém visíveis resquícios nas relações sociais.

O narrador que descreve a ação, na versão de Ritinha, relata: “A menina nunca tinha visto os homens, não sabia a que atribuir o assalto. Nem qual foi o primeiro, agarrada e derrubada, a cabeça coberta” (77). Alfredo diz que Durval abordou a menina e que esta, de livre vontade, dirigiu-se a um mato adjacente com ele. Durval conta que a menina gostara do seu cabelo loiro e de seus olhos azuis e, de espontânea vontade, foi com ele. Pereira relata que os três abordaram e conversaram com a menina e Alfredo a acompanhou, com os outros dois soldados mais para trás; ela quis dinheiro, mas não tinham, mesmo assim deitou-se com os três, momento em que chega o fogueira Miguel e diz que ela, como foi com os praças, deveria deitar-se com ele também, Ritinha negou-se e foi violentada. Sílvio conta que ela consentiu deitar-se com os três soldados, porém negou-se a deitar com Miguel, que a violentou com ajuda dos demais. Miguel conta que viu uma “vagabunda” relacionando-se com três soldados, quis participar e ela negou ofendendo seu brio de homem; com a ajuda dos soldados tentou violentá-la, porém não conseguiu devido ao seu estado de nervosismo.

As versões divergem no modo da abordagem, no número de pessoas que a violentaram, na ordem em que os autores praticam a ação e na medida de consentimento apresentada pela vítima. Porém, o primeiro aspecto que chama a atenção nas diferentes narrativas é a idéia de Ritinha atrair-se pelo soldado loiro e aceitar suas investidas. Rita, em sua versão, diz que, por ter tido o rosto coberto com um casaco, não identificou nenhum autor da violência; porém, entre os demais relatos, o solda-

do loiro a seduziu, e não a violentou, e a violência primeira veio do fogueira Miguel, caracterizado fisicamente como “morenã”.

Não há como deixar de estabelecer, no imaginário destas personagens, o eterno paradoxo entre o europeu civilizado e a “barbárie” das demais civilizações. No conto, não é destacada nenhuma superioridade econômica entre os partícipes, não há nenhuma condição material que possibilite a Durval prevalecer diante dos demais; mas são as características físicas européias que levam os demais a crerem que Durval seduziu a moça, ou os fazem crer que esta versão seria mais plausível e ajudá-los-ia em sua defesa. Entretanto, querer crer no real interesse de Ritinha por Durval, pelas suas condições físicas, é uma grande afronta à vida pregressa de Ritinha, pois havia um mês que fora deflorada por um soldado loiro, de nome Euzébio. Ou seja, repete-se a mesma violência dentro da mesma estrutura de justificativa, pois se pode inferir que Euzébio tenha sido inocentado pela mesma relação racial, apesar de nenhum detalhe a mais ser dado do caso.

Desta primeira razão, calcada em exercício de preconceito racial, surge, contígua, a visão da mulher negra como objeto de desejo sexual passível de ser desfrutado, oriunda da relação social escrava/senhor. Resquício de nosso modelo colonizatório, a mulher negra suscita, no imaginário social dominador, uma visão permeada de erotismo – imagem de mulher sempre disposta a saciar todos os desejos sexuais masculinos, sem ressalvas; potencialidade de satisfação sexual sem limites que não deve, nem pode, ser obtida da mulher/esposa, enquanto integrante do núcleo familiar cristão e tradicional. O sucesso pode ser exemplificado em passagem de Darci Ribeiro referente ao comércio de mulheres negras: “Tratava-se de negrinhas [...] que alcançavam altos preços, às vezes o de dois mulatões, se fossem graciosas. Eram luxos que se davam os senhores e capatazes” (1995: 163).

Esta atitude, em relação à mulher negra, resplandece, também em: “Saciado, ajudou os soldados que, cada um por sua vez, usaram a moça, observados a distância por alguns curiosos, até que dois deles também se serviram da negrinha” (77). A figura da mulher negra como desfrutável, enquanto ente reduzido a objeto, encontra seu anverso na imagem do homem dominador, ser de suposta superioridade que impõe suas vontades por meio da coação ou da violência direta. Como salienta Ribeiro, “A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista” (1995: 121).

O próprio guarda-civil Leocádio, único a ajudá-la, está imbuído desta relação – “ao passar debaixo da Ponte Preta, viu uma negrinha chorando” (81) – o que se depreende pela escolha estratégica do termo que representaria a presença de Ritinha violentada debaixo da Ponte Preta: negrinha. Porém, desfeita a condição subalterna oficial da mulher negra e além da sua reminiscência, prevalece, também, o fator econômico como ditame das possibilidades da mulher na sociedade:

Somente quando ascende da pobreza a certa suficiência econômica é que a mulher alcança condições mínimas para aspirar a uma vida sentimental

autônoma, para impor dignidade às relações sexuais, conduzindo-as à forma de um jogo co-participado e, finalmente, à oportunidade de estruturar uma vida familiar estável, revestida dos símbolos religiosos e legais do reconhecimento social. (Ribeiro 1995: 239-240)

Outro aspecto relevante na narrativa é a maneira pela qual alguns personagens justificam, amenizam ou tentam reparar a própria atitude.

Miguel, o foguista, primeiramente – na ordem lógica dos fatos, pois no conto aparece como segunda ação –, justifica a atitude como resposta a uma afronta moral feita por Ritinha. Na versão de Miguel, Ritinha, de comum acordo, pratica relações com os três soldados; ele, chegando ao local com “grande vontade de participar da brincadeira, propôs o negócio para a mulher. Esta ofendeu-lhe os brios de homem ao injuriá-lo de – *cafetão, cagueta, corno manso*. Indignado, decidiu provar que era homem. Segurou-a com o auxílio dos soldados, mas não praticou o ato, em vista do estado nervoso” (80). Por ideologia pautada em um universo fundado em valores patriarcais de família, honra e virilidade, Miguel considera, como justificativa razoável, o estupro, pois sugere entendê-lo como reafirmação de masculinidade, ou seja, a personagem observa nele uma forma plausível de restabelecer a própria integridade moral.

Dentro do enredo da narrativa, dado o aspecto polifônico sugerido, os insultos a ele dirigidos por Ritinha, mesmo que confirmados na versão de Pereira, parecem ser uma tentativa de atenuar sua conduta, e não um relato verídico do que realmente ocorreu. Mas o que faria Miguel crer que a atitude seria compreendida como uma resposta adequada à injúria? Justamente os ideais arcaicos e patriarcais sobre os quais o discurso de Miguel se fundamenta.

Miguel, quarenta anos, é a personagem mais velha da narrativa. Sua compreensão do mundo é balizada por conceitos arcaicos que, embora pertencentes a uma constituição patriarcal de sociedade que já não possui a mesma representativa no mundo contemporâneo, ainda se mantém no imaginário hodierno. Um exemplo desta visão patriarcal de mundo é o fato de Miguel justificar sua atitude como razoável em virtude de ter sido preterido por Ritinha, uma vez que ela já havia se deitado, consensualmente, com os soldados; ou seja, sua atitude é a resposta direta a uma afronta à masculinidade. E as reminiscências deste ideário transparecem no fato de o soldado Pereira, de apenas dezoito anos, também entender como razoável a justificativa. Porém, Pereira não a usa com o intuito de inocentar ou atenuar o crime cometido por Miguel e sim com a intenção de tornar crível a versão de que Ritinha se deitara, consensualmente, com os soldados; a violência apenas iniciara quando Miguel teve o orgulho masculino vilipendiado e, em consequência, tomou o estupro como atitude responsiva. Ou seja, Pereira também acredita que esta versão é plausível e pode inocentar a ele e aos outros dois soldados, pois concebe, igualmente, que é totalmente possível e crível Miguel iniciar a ação delituosa por uma questão de virilidade, hombridade.

Outra característica desta arcaica concepção do relacionamento entre masculino e feminino é o fato de Miguel, em uma segunda tentativa de atenuar a ação cometida, propor casar-se com Ritinha: “Miguel, arrependido do mau gesto, se oferece para casar com a menina, só na delegacia soube chamar-se Ritinha, isto é, tão logo apronte os papéis do desquite, de momento é casado” (77).

Nas sociedades patriarcais, a pureza é a maior virtude feminina. A virgindade é o *status quo* que mantém a filha sob a autoridade paterna. Esta mulher, quando casa e depois de consumada a primeira relação sexual, transfere-se, como uma mercadoria, do núcleo familiar paterno ao núcleo familiar do marido. Neste ideário, a perda da virgindade representa, para a mulher, uma migração de uma família para outra – ambas centradas na figura do homem como provedor, seja o pai ou o marido. Nesta concepção de sociedade, quando uma mulher é “deflorada” antes do laço matrimonial, o casamento é visto como o único meio de devolvê-la à moralidade de um seio familiar. Desta forma, o casamento é uma espécie de relação puramente de restituição – Miguel “deflorou” Ritinha, destituiu-a, definitivamente, do laço que a mantinha à família paterna e da possibilidade de constituir uma outra família; agora deve casar-se com ela porque é o único que pode integrá-la, novamente, em uma família. Este modelo de constituição familiar vê a mulher como um ser destituído de vontades.

Porém, a vontade de Miguel não é restituir a honra da família da moça, Ritinha não tinha mais família – ao menos no sentido tradicional –; seu desejo é, apenas, apagar o erro cometido, livrar-se da pena que sobre ele poderia incidir. Tanto que, no conceito de moralidade familiar no qual Miguel se orienta, Ritinha não pertence mais à classe de mulheres que podem contrair os laços matrimoniais, Ritinha não é mais virgem.

Desta forma, no conto daltoniano, a mulher não é apenas violentada fisicamente. Ritinha, na mentalidade da sociedade representada pela narrativa, tem sua condição de existência reduzida a duas categorias que, agravadas pelo fator econômico, restringem suas possibilidades de participação na sociedade: é mulher e negra. Ritinha está subjugada a uma estrutura e hierarquia social na qual não há probabilidade ou hipótese que origine a mínima margem para a ascensão social ou a realização amorosa socialmente aceita:

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a Natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como *sujeitos* do conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo aquilo que reduz um sujeito à condição de objeto. Do ponto de vista ético, somos *pessoas* e não podemos ser tratados como coisas. (Chauí 2004: 308)

Na presente investida narrativa, Ritinha – corroborando a concepção de violência disposta por Marilena Chauí – é coisificada. Os personagens masculinos envolvidos na ação não a veem como ser dotado de vontade livre, mas sim como um objeto a proporcionar prazer. Isto pode ser observado na própria escolha das palavras que

descrevem o ato na narrativa: “até que dois deles também se serviram da negrinha” (77); “acabada a brincadeira” (78); “apareceu uma fulana, com quem foi para o mato” (78); “o primeiro a desfrutar a mocinha” (80); “fizeram o que bem quiseram” (81); entre outras. Também, a reiteração dos relatos sem que sua personagem seja nomeada pelos partícipes denota que o tratamento a ela imposto não visa, em nenhum momento, a sua integridade como ser humano.

No Brasil colonial, “[s]em corte prévia, o homem de condição social superior tenta relações com a negra, a índia, a mulata cativante, sempre que se apresenta uma ocasião propícia. O apego, o amor de caráter lírico entre pessoas de nível social díspar, é fato raro, excepcional” (Ribeiro 1995: 240). E essa relação, como já mencionado, ainda mantém resquícios no imaginário social; porém, no sentido desta narrativa, a noção de condição social está esmaecida, encoberta por relatos de personagens que procuram se defender diante das autoridades, mas, de forma sucinta, revelada na reiteração da palavra “negrinha”, no fato de alguns verem o ato como “brincadeira”, “festinha”, e na frivolidade com que todos contam o acontecido. Desta forma, o autor revela um ambiente de violência no qual não apenas Ritinha está inserida, mas no qual todos os personagens encontram-se. É a parcela pobre da população e a pequena burguesia – tema recorrente da narrativa daltoniana – que são retratadas no conto “Debaixo da Ponte Preta”, nas suas nuances mais vis. Certamente, a pobreza em si não explica a violência. Porém, vidas inseridas dentro de um pauperismo crescente que segrega e coloca à margem um número sempre maior de seres humanos, permeado por uma economia desempregadora, seletiva e excludente, são sim fatores que somados a tantas condições ideológicas gerarão um ambiente propício à violência.

O conto daltoniano, porém, não é um laboratório onde estereótipos sociais das classes menos abastadas são inseridos e resultam, como em uma equação, em violências e iniquidades. Não são apenas as personagens, em atos individuais, que violentam Ritinha; nas entrelinhas da ideologia das personagens, desvela-se uma sociedade para a qual pouco importa a “negrinha” violentada debaixo da Ponte Preta, uma sociedade hierárquica que divide as pessoas em inferiores e superiores, “nela vigoram racismo, machismo, discriminação religiosa e de classe social, desigualdades econômicas das maiores do mundo, exclusões culturais e políticas. Não há percepção nem prática do direito à liberdade” (Chauí 2004: 408). E esta sociedade não é uma classe social, é o retrato vexatório de um país no qual, além de todos estes fatores, persiste, ainda, uma mesquinha concepção de que o feminino é, geralmente, responsável pela violência sexual por ser considerado sedutor e provocante.

Desta forma, como Marilena Chauí salienta, “Quando uma cultura e uma sociedade definem o que entendem por mal, crime e vício, circunscrevem aquilo que julgam violência contra um indivíduo ou contra o grupo. Simultaneamente, erguem os valores positivos – o bem e a virtude – como barreiras éticas contra a violência” (2004: 308). Porém, em contrapartida, há todo um aparato ideológico na sociedade que permite e encoraja a agressão masculina, embora a monitore. E é neste universo que se espelha o conto analisado e a obra daltoniana.



## OBRAS CITADAS

ARISTÓTELES. *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

FORTES, Rita Félix, & Maria Beatriz Zanchet. *Sabor e saber: o espaço do conto na escola*. Foz do Iguaçu: Editora Parque, 2007.

GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006.

RIBEIRO, Darci. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TREVISAN, Dalton. *O vampiro de Curitiba*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ABSTRACT: Dalton Trevisan's short story "Debaixo da Ponte Preta" tells the Ritinhas's story – adolescent, black and poor, raped for many men when she went to visit her sister. The violence against women, the prejudice and the poverty are the main subjects of this short story, approached with the sarcastic and cutting view characteristic of daltonian prose.

KEYWORDS: Dalton Trevisan, short story, violence, prejudice.

Recebido em 13 de abril de 2009; aprovado em 26 de junho de 2009.